

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

1

Melhor diagnosticar para melhor intervir

Ana Paula Freire ()*

Dos vários modelos de Comunicação Educacional destacam-se a Educação Socializadora, defendida por E. Durkheim, através da qual a sociedade cria, perpetua e reforça a sua homogeneidade, procurando apagar as diferenças entre os indivíduos ou, no pólo oposto, a Educação Individualizada (conceito defendido por John Locke ou Rousseau) em que a educação deveria ser diversificada consoante as características individuais.

A primeira é, numa sociedade democrática, completamente inaceitável, por ignorar o direito a diversidade tanto a nível social, como laboral ou cultural.

A segunda é de difícil aplicação, por exigir uma relação professor/aluno de um para um. Tal não é viável no sistema de ensino português, podendo ser aplicado apenas a alunos sujeitos a "home schooling" (um tipo de ensino não existente no nosso país em que todas as crianças são obrigadas a frequentar um estabelecimento de ensino, público ou privado). A exceção a esta regra aplica-se, apenas, a crianças que sofram de alguma doença debilitante que as impossibilite de frequentarem a escola, uma situação existente numa das turmas que lecciono.

Entre estes dois modelos extremos existem as perspectivas pedagógicas intermédias que procuram equilibrar as exigências destas duas polaridades. ¹

A oficina "Diferenciar para aprender, aprender a diferenciar" insere-se, assim, numa perspectiva intermédia entre estes dois conceitos extremos de Comunicação Educacional e apresentou-me algumas ferramentas conducentes a identificação das diferenças entre os alunos, permitindo-me, assim, otimizar o processo e ensino/aprendizagem na sala de aula, de modo a suscitar o interesse do máximo de alunos, a tentar prevenir comportamentos perturbadores e a contribuir para a realização pessoal, social, escolar e para o bem-estar presente e futuro das crianças.

¹ Manual e testes formativos de Comunicação Educacional da Universidade Aberta.

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

2

Esta oficina ajudou-me, em primeiro lugar, a tomar consciência de que é possível aplicar instrumentos de detecção de problemas na dinâmica das turmas (mesmo sendo «apenas» professora de AEC) e partilhar com os professores titulares preocupações e experiências benéficas para o desenrolar das aulas. Também nós podemos contribuir de um modo activo para desenvolvimento emocional e social das crianças (homens e mulheres de amanhã). Não somos meros espectadores, fazemos parte do processo.

A aplicação do teste sociométrico, a partilha dos resultados com a professora titular, o acesso as fichas individuais dos alunos, as trocas de impressões com a professora sobre os problemas detectados, tudo levou a sentir-me mais integrada na escola, em vez de como o elo mais fraco da cadeia, alguém que está na escola mais como uma ama das crianças do que como docente, com todos os deveres e direitos inerentes a quem está numa posição de influência no desenvolvimento escolar, social e pessoal dos alunos.

O trabalho efectuado nas sessões da oficina e nos encontros a que o grupo procedeu para elaboração do trabalho a apresentar e a colocar no Moodle permitiram uma troca de impressões e opiniões com outros professores de AEC da turma muito positivas e benéficas para a adopção de estratégias diversificadas na sala de aula. Pena é que não seja possível observar os resultados das estratégias propostas, uma vez que o ano lectivo se encontra no final.

Uma coisa sei: se continuar a trabalhar como professora das AEC terei mais instrumentos práticos para a detecção atempada de eventuais problemas, bem como uma melhor percepção de que uma turma é um conjunto de alunos, mas que cada aluno é um indivíduo, com necessidades e experiências familiares, sociais e culturais diversas, pelo que não posso esperar que todos respondam e reajam da mesma maneira perante uma mesma situação ou uma mesma estratégia de ensino.

A observação de aula a que procedi e a que fui sujeita deu-me uma perspectiva diferente do que resulta, ou não, numa sala de aula com 20 ou 23 crianças.

Ao observar a aula de uma colega, senti-me como se estivesse no lugar dos alunos, procurando apreender as instruções dadas, perceber o objectivo do trabalho proposto e levá-lo a cabo, tentando interpretar, pelo tom de voz da professora, pelos seus comentários e eventuais correcções, se o trabalho decorria como ela pretendia e se os alunos estavam a atingir o

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

3

objectivo proposto. Devo confessar que foi uma experiência enriquecedora, a de observar uma aula em vez de a ministrar.

Por outro lado, na aula em que fui observada (sem estar sujeita à pressão de saber que seria avaliada pelo meu desempenho) actuei como habitualmente o faço, reagindo e interagindo com os alunos com perfeita naturalidade. Quando me reuni com a professora observadora, apercebi-me dos aspectos positivos do meu desempenho mas, mais importante ainda, dos aspectos negativos da minha postura na sala de aula, que nem sempre foi a mais apelativa para os alunos.

As crianças têm cada vez mais dificuldade em interiorizar e cumprir as regras de comportamento adequadas na sala de aula, mas apercebi-me, na reflexão efectuada com a colega que me observou, que (sem minimizar a necessidade de combater os comportamentos de indisciplina) se conseguem melhores respostas por parte dos alunos se houver uma atitude mais calma e com algum humor, em vez de partir para o castigo a primeira atitude inadequada dos alunos e que, embora seja difícil quando temos a nossa frente 22 ou 23 crianças (todas exigindo a prioridade na atenção e esclarecimentos da professora) é necessário adequar a nossa atitude na sala de aula as características de cada aluno, tendo em consideração as suas particularidades.

Contudo, uma interrogação ficou a pairar no meu espírito: no correremos o risco de «negligenciar» e desmotivar os alunos não-problemáticos, ao focarmos a maior parte da nossa atenção e esforços nos alunos problemáticos?

O Homem, como ser eminentemente social, aprecia a validação das atitudes por parte dos seus pares e dos seus «superiores». As crianças precisam de sentir que o seu bom comportamento e o seu esforço são reconhecidos e apreciados. Estaremos nós, professores, a dar-lhes a devida atenção, ou estaremos a focar tanto a nossa preocupação nos alunos mais problemáticos que corremos o risco de levar os outros alunos a pensarem que a melhor maneira de obter protagonismo será passarem a ter comportamentos indisciplinados ou a mostrarem-se desinteressados do processo de ensino/aprendizagem?

Falando por mim, sei que me esforço por elogiar e prestar atenção aos «bons» alunos, tanto quanto me esforço por promover atitudes positivas por parte dos alunos com mais dificuldades de aprendizagem ou comportamentos mais inadequados, mas estarei a conseguir actuar equilibradamente?

Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

4

Este assunto poderia ser tema de uma outra oficina!

Cada acção de formação que tenho frequentado me tem enriquecido como professora das AEC. Esta não foi excepção. Saio dela com mais ideias e instrumentos de trabalho para um melhor desempenho como professora.

Se nesta oficina houve lugar a menos troca de experiências entre os elementos do grupo-turma de formandos do que na acção de formação que frequentei no início do ano lectivo, houve, por outro lado, espaço para trabalhos mais práticos, diversificados e dinâmicos.

O trabalho de grupo efectuado tanto nas aulas da oficina como fora dela foi muito interessante. Cada um de nós teve que procurar, pesquisar e analisar material que contribuísse positivamente para um produto final apresentado em conjunto. Levou-nos a debater opiniões e perspectivas diversas para chegarmos a um consenso, no intuito de apresentar um trabalho coeso, útil e de aplicação prática.

Pena é que não tenhamos tido oportunidade de implementar as estratégias sugeridas no nosso trabalho e verificar se as mesmas surtiriam efeito na atitude do aluno-alvo.

() Professora AEC. Formanda das acções C303. Competências Interpessoais - Prevenir e Resolver Situações Problemáticas e C316. Diferenciar para aprender, aprender a diferenciar, promovidas e financiadas pela CMM – Câmara Municipal de Matosinhos e organizadas pelo CFAE_Matosinhos.*